

A ENCENAÇÃO PERFORMATIVA COMO POTENCIALIDADE DE IDENTIFICAÇÃO DO CONTEXTO SOCIAL CONTEMPORANEO EM SEU ESPAÇO E TEMPO

Marina Argenta¹, Stephan Baumgartel².

¹ Acadêmica do Curso de Artes Cênicas (CEART) - bolsista PROBIC/UDESC

² Orientador, Departamento de Artes Cênicas (CEART) – stephao08@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Performatividade. Encenação Contemporânea.

O seguinte processo de pesquisa propõe analisar a mediação entre ficção e ação performativa presentes na encenação “Todos(os) Que Caem”, dirigida pelo acadêmico de Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Lucas Dalbem, que foi apresentada em Fevereiro de 2016 nesta mesma Universidade tendo em vista que nela se articula um considerável nível de relação entre teatro e performance. A encenação em questão apresentada como processo final da disciplina de Direção Teatral do curso de Teatro da UDESC contou com a participação das atrizes Thuanny Fagundes e Manuela Campagna que serão sugeridas aqui como eixo da problematização da articulação entre sujeito e objeto no “aqui e agora”. O “aqui” sendo o espaço aberto de grande circulação de pessoas dentro do Centro de Artes (CEART) desta Universidade e o “agora” instaurado neste espaço cênico não apenas no momento de sua apresentação as 20:00horas , mas desde o início do dia no decorrer da sua ocupação para o processo de montagem.

A grande proporção tomada pela encenação (vista aqui como derivação do termo inglês *production*) na composição deste ambiente visual pela cenografia, iluminação, sonoplastia e sua relação com a dimensão da temática público\privado abordada em cena. Esta problematização emergida pelo distanciamento do espectador proposto de forma literal diante do espaço cotidiano alterado em suas delimitações, em paralelo ao processo de geração de identificação e identidade nas performances teatralizadas das atrizes no decorrer da encenação. O apontamento nesta mesma pesquisa, de que o interesse na dialética possível por meio da geração de signos para os símbolos da cena apresentada e que também permitem a abertura e o fechamento do âmbito ficcional para o mundo estaria situado neste intenso jogo entre a materialidade da cena e dos corpos presentes nela. Aqui a perspectiva da minha visão do espetáculo (pessoal\intersubjetiva) passa pelo ângulo ao qual sou conduzido a assisti-lo, ressaltando o quanto este ângulo ou perspectiva visaria aproximar o objeto percebido e o sujeito que percebe dentro da arte da presença.

Propõe-se ainda aqui analisar esta possível proposta da resignificação das ações e do texto através da repetição destes mesmo durante a encenação, onde o mesmo grampo que cobre o corpo “morto” símbolo da violência no centro do espaço é reutilizado pelas atrizes em diferentes momentos. Em geral, momentos de transformação do texto pela ação que é força geradora de texto e signos. Torna-se claro o trabalho das atrizes com os recursos cênicos sem uma possível submissão à lógica de entrelaçamento da trama entre causa e efeito como sugere Eugenio Barba, mas como discussão da lógica de funcionamento deste espaço.

“Trata-se precisamente de um jogo com os sistemas de representação, um jogo de ilusão em que o real e a ficção se interpenetram. Ali onde o espectador crê estar no real, ele descobre que tinha sido enganado e que o que era dado como real, era apenas ilusão... Ao invés de perceber o real mediado pela tela, ele descobre um efeito de real, e o teatro retoma todos os seus direitos. Acrescento que nas ‘colocações em situação’ [mises en situation] que os espetáculos performativos instalam, é a inter-relação, conectando o performer, os objetos e os corpos, que é primordial. O objetivo do performer não é absolutamente o de construir ali signos cujo sentido é definido de uma vez por todas, mas de instalar a ambigüidade das significações, o deslocamento dos códigos, o deslizamento de sentido. Ele joga ali com os signos, transforma-os, atribui-lhes um outro significado...”(JOSETTE, Féral, *Por uma poética da performatividade: o teatro performativo*, p.205)